

Cais Da Memória

Newton Reginato

Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

Domingo de inverno. O dia amanheceu nublado e úmido, aquele típico que deixa as mãos e os pés gelados e é convidativo para uma xícara de chá bem quente que, no fim, não resolve nada, e, contribuindo para esse desconforto, rajadas de vento causando a sensação de estar tudo gelado dentro e fora de casa.

Gosto do frio, mas não gosto do vento.

Eu era menino novo, lá com os meus nove ou dez anos, e naquela época os dias de inverno pareciam mais frios que os de hoje e eram sempre acompanhados de uma garoa fina, enjoativa, e a única forma de suportá-los era usar um pijama de flanela por debaixo da roupa e ficar fechado dentro de casa, e mesmo assim ...

Lembro-me possuir uma blusa de lã de um tom amarelo pálido, bem abaixo da cor de uma gema de ovo de galinha de granja, que pertencera a um primo meu que logo cresceu, não a usou muito, e veio para mim praticamente nova, pois naquela época não se jogava fora roupa boa ainda que usada; eram tempos difíceis.

Fazendo conjunto com a dita blusa vinha uma jardineira de lã grossa na cor cinza, nos pés meias em dobro – uma sobre a outra – calçados com sandálias franciscanas de couro, e na cabeça, encimando tudo, um boné de jornaleiro, tipo *newsboy*, da mesma cor da peça principal. E o indefectível pijama de flanela escondia-se por baixo dessa indumentária toda.

Sessenta anos atrás não tínhamos televisores a cores (estamos em 2025), eram em preto e branco e, vez ou outra, as programações das poucas emissoras existentes transmitiam filmes antigos, rodados entre as décadas de 40, 50 ou antes até, nos cinemas, e

numa determinada oportunidade assisti a um – cujo nome agora não me recordo – tendo por cenário o entardecer num mar revolto, envolvendo as atividades de um barco de pesca, estando a tripulação vestida com roupas quase idênticas as minhas, cuja diferença, apenas, eram os sobretudos e as botas impermeáveis que aqueles pescadores usavam. Penso, hoje, que se tratava de uma pesca de bacalhau, porque alguns daqueles homens do mar assemelhavam-se ao do rótulo da “Emulsão de Scott” que a minha mãe me dava todos os dias antes das principais refeições e que eu gostava de tomar, mais ainda depois de ter assistido ao filme.

O frio, a garoa, o vento, a umidade, a roupa, o rótulo da “Emulsão de Scott”, o filme e o confinamento doméstico fizeram-me sonhar, tornando-me um *lobo do mar* nos cômodos da minha casa, quando não um *corsário* ou *pirata* nos mares do meu quintal, que muitas vezes, por desagradarem minha mãe os meus buliços aventureiros, fizeram-me padecer justas repreensões que só aumentavam os perigos do meu mundo de fantasias.

E agora, depois de tanto tempo, aqui me encontro, sentindo o mesmo frio e a mesma umidade de uma manhã cinzenta igual a muitas outras daquela época, olhando minha imagem refletida numa janela de vidro com a cabeça coberta por um gorro de lã negra, trajando calças de brim envelhecidas e uma não menos usada blusa de gola dupla, debaixo de uma antiga jaqueta impermeável, curiosa sobrepele a agasalhar um homem já envelhecido que, um dia, foi um homem-menino, cujo rosto marcado pelas maresias do tempo a barba e o bigode agrisalhadados não podem ocultar, um rosto adornado por um cachimbo que queima tabaco forte pendente num canto da boca, e que traz os pés calçados por um par de botas assinaladas pelo tempo.

Estranho visual, casual indumentária sem querer reveladora de que o marujo-menino de ontem, após navegar pelos sete mares bravios da vida, tornou-se o capitão da sua própria embarcação, um imaginário “Cutty Sark” que alcançou o porto seguro do seu destino onde lançou âncora.

Insólito pensamento.

Lá fora o farfalhar das folhas das árvores, sacudidas pelo vento, me faz imaginar o marulho do mar em agito num início de procela, enquanto que o piado lançado por uma ave, cruzando o céu, me faz lembrar uma gaivota em busca de refúgio no seu ninho feito na areia ou numa fenda qualquer de penhasco, e no reflexo do vidro da janela, agora embaçado pelo meu respirar, me vejo sorrindo por pensar que o meu sonho de criança, ontem, se transformou num inesperado exercício de fabulação, hoje.

Esfrego minhas mãos. Volto o meu olhar para a porta do escritório então transformado, por alguns instantes, em ponte de comando imaginária, e vejo-a desvanecer ao observar tudo ao meu redor. Saio claudicando e sigo pensativo, em meio ao nevoeiro que envolve o cais da minha memória, ao ritmo compassado, quase inaudível, de uma bengala com a sua ponteira já desgastada, fiel companheira, hoje, dos meus passos cansados e pesados, como se convocando-me estivesse a despertar para a realidade com o seu toc ... toc ... toc ...

Paro. Olho o relógio. São 07:30. É mais um dia que se inicia.
